

## O SER E O PROCESSO DE ENVELHECER

### THE BEING AND THE AGING PROCESS

<sup>1</sup>COUTINHO, M. C.; <sup>1</sup>DAMIN, H. M. R.; <sup>1</sup>FERRARI, N.; <sup>1</sup>SILVA, F. M.; <sup>1</sup>SILVA, P. S.;

<sup>2</sup>CARVALHO, E. L. L.; <sup>2</sup>LIMA, D. B.; <sup>2</sup>MICHELETTI, L. R.

<sup>1</sup>Discente do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

<sup>2</sup>Docente do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

#### RESUMO

Neste artigo, buscamos compreender a realidade do idoso na atualidade, bem como levantar possíveis papéis sociais e subjetivos exercidos no âmbito em que vivem. Procuramos ainda identificar os principais estereótipos que revestem o conceito da velhice, tal como refletir sobre o idoso e seus sonhos, analisando o seu valor frente à sociedade e em termos de qualidade de vida, como é. Ainda, descobrir se na perspectiva dos idosos se o envelhecer é um processo que oprime ou liberta e identificar o idoso frente aos seus direitos, família, sociedade e a ele próprio, analisando e discutindo informações sobre essa expressão do Ser e seu processo de envelhecer, constitui-se nosso desafio de investigar sobre o idoso, o processo de envelhecimento e suas questões.

**Palavras-chave:** Idade. Envelhecer. Idoso.

#### ABSTRACT

In this article, we seek to understand the reality of the elderly in the present, as well as to raise possible social and subjective roles in the context in which they live. We also seek to identify the main stereotypes that cover the concept of old age, as well as reflect on the elderly and their dreams, analyzing their value in relation to society and in terms of quality of life, as it is. Also, to find out whether from the perspective of the elderly, getting older is a process that oppresses or liberates and identifies the elderly in the face of their rights, family, society and himself. Analyzing and discussing information about this expression of Being and its aging process, we are challenged to investigate the elderly, the aging process, and their issues.

**Keywords:** Age. Aging. Oldman.

#### INTRODUÇÃO

Constitui-se um desafio investigar sobre o idoso, o processo de envelhecimento e as questões objetivas e subjetivas que permeiam esta fase da vida, pois o processo de envelhecer não se traduz como algo estático ou verdade absoluta, afinal, cada um enfrenta estes estágios da vida de forma única, com base em suas crenças e experiências vividas.

Diante de um tema tão relevante, pretende-se verificar o ser em seu processo de envelhecimento, mensurar as leis que asseguram seus direitos, analisar a relação corpo e alma, assim como esta dualidade está presente no ser humano, demonstrando como é a morte biológica e social na visão do idoso. Busca-se ainda identificar como a questão da aparência, a aceitação social e o sentir-se útil influencia em sua percepção de mundo, bem como os aspectos psicossociais envolvidos neste processo. Cientes de que é um assunto vasto e abrangente, é que justificamos o interesse ao tema, visando oferecer um tempo para o debate referente às questões

levantadas e uma abertura a reflexão acerca do processo de envelhecer e o envelhecimento. Buscamos com este estudo, então, responder a seguinte questão: envelhecer, na visão do idoso, é um processo que oprime ou liberta?

Com o prolongamento da vida humana e na medida em que essa expectativa vem aumentando, o poder público se atentou para essa estatística que está evoluindo e criou legislações, programas de proteção, estatuto e direitos que assegurem a qualidade de vida e dignidade do idoso. A ONU (Nações Unidas no Brasil) defende princípios que contribuem para a vida do idoso, e possui um Plano de Ação Internacional sobre os Idosos e encoraja os Governos a incorporar estes princípios nos programas nacionais.

O envelhecimento segundo a Organização Pan-Americana de Saúde é um processo individual, acumulativo, irreversível de deterioração de um organismo maduro, próprio a todos os membros de uma espécie, de maneira que o tempo o torne menos capaz de fazer frente ao estresse do meio-ambiente e, portanto, aumente sua possibilidade de morte. (BRASIL, 2006).

A fim de assegurar os direitos às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, criou-se então um conjunto de Leis que passam a vigorar a favor do idoso: o Estatuto do Idoso. Sua principal missão é garantir que os direitos das pessoas idosas sejam cumpridos e respeitados, decretado pelo Presidente da República, sendo um dever da sociedade e do poder público assegurar ao idoso, a efetivação desses direitos. (BRASIL, 2003).

Para consolidar essa nova concepção de proteção e propagar o Estatuto do Idoso, a Promotoria de Defesa dos Direitos do Idoso e Portador de Deficiência (PRODIDE) foi criada cumprindo a missão constitucional do Ministério Público na garantia desses direitos, e segundo uma estatística realizada por ela, evidenciou-se que “ao longo de três anos de atuação, pudemos verificar que a sociedade, de um modo geral, tem pouca informação sobre os direitos de seus velhos. O próprio idoso não os conhece e sequer sabe como reivindicá-los”, deixando evidente a falta de esclarecimentos e divulgação. (PRODIDE, 2004, s/p).

O envelhecer é um processo inevitável, é uma forma de deterioração, que se inicia cedo e acontece durante todo o ciclo vital do ser humano, sendo ele o ritual de passagem da vida para a morte.

O declinar biológico normal, o envelhecer e as causas naturais dessa ação, têm como maior fragilidade as dificuldades funcionais que induzem alguns a verem essa

fase como algo temível, assim como afirma Figueiredo (2010, p. 28), que “o processo do envelhecimento delimita mudanças expressivas de ordem individual, familiar e social, cada uma com seus significados e relevâncias”.

Quando o idoso aceita a crise, encontra um ponto positivo, nota-se a sabedoria, ou seja, estará aceitando a vida como foi e como é, sem arrependimentos, passando seus conhecimentos a essa nova geração. Na aceitação, é normal ocorrer oscilações no processo de envelhecimento, então, é muito importante a aproximação do indivíduo com a sociedade juntamente com a família, mas infelizmente não é o que acontece. Ao avançar da idade, o idoso tende a ficar distante, diminui sua participação perante a sociedade, ele mesmo se conduz pela solidão, pelos sentimentos depressivos que finaliza sendo desvalorizado e desprezado.

Dependendo da história de vida de cada um o envelhecer pode ser um momento sem sentido e sem valor. Para uns, esse período pode representar a conquista da liberdade, podendo gozar de coisas boas, realizar momentos abdicados por compromissos adquiridos na fase anterior, enquanto para outros será um descanso, utilizando da retórica de que já contribuíram para com a sociedade. porque afinal, o envelhecer não é uma exceção para apenas uns, é um ponto ao qual a maioria das pessoas almeja chegar.

Outro fator notório que notamos nos dias atuais é o conceito difundido do descartável para as coisas e o quanto este tem refletido nas pessoas, e uma forma errônea de compreender a velhice é olhá-la como descartável, como uma fase em que nada mais pode ser aprendido ou sentido.

A questão da aparência e do manter-se eternamente jovem, vendidos pela indústria da beleza com muitos recursos utilizados, visa descaracterizar a beleza que é própria da idade. Vemos que a atual concepção de corpo bonito é um corpo jovem, malhado, e a beleza que é própria da idade do idoso perde seu brilho frente a tais concepções em que muitos recorrem às intervenções, exigindo até o seu limite, visando “comprar” o corpo idealizado, desejando assim, tornar-se aceitável perante a sociedade. Aqui não podemos desconsiderar o caráter subjetivo, que de acordo com Debert (2011, p.23) “essas imagens, por sua vez, são consequências de uma mídia que corrobora com a aversão ao corpo velho, e concebe o uso de tecnologias do rejuvenescimento como sendo um grande aliado”.

Assim cria-se uma aversão ao corpo velho, uma negação de sua condição de vida e, conseqüentemente a necessidade de portar-se de forma jovem, se tornando

uma vítima de um padrão sociocultural ditado por uma indústria poderosa que visa o lucro, o capital.

São os aspectos subjetivos que caracterizam esta experiência do envelhecer. Enquanto se dissemina esta mentalidade de inutilidade, o idoso sofre no exercício até de sua sexualidade, que segundo Caldas e Saldanha (2004) tal disseminação de conceitos errôneos anulam a possibilidade de reconstrução da vida afetiva, que já é limitada em outros fatores. De acordo com Beauvoir (2012, p. 142 *apud* Menezes, s/d) quanto à sensação de saúde, bem-estar e permanecer vivo é a verdade objetiva da idade que parecerá uma aparência, assim há a impressão de estar usando máscaras “falar em disfarce, é uma maneira de iludir o problema. Para sair da ‘crise de identificação’, é preciso aderir francamente a uma nova imagem de si mesmo”.

Outra questão é a do conhecer-se e de ter equilíbrio entre as perdas e os ganhos que é um fenômeno natural, para tanto Caldas e Saldanha (2004) citam que esta fase exige autocuidado e autoestima pautado por uma urgente conscientização da estigmatização que vem sofrendo a velhice, sendo vista como um mal, e no entanto sendo na verdade apenas uma consequência de uma vida bem vivida. De acordo com os autores supracitados precisamos resgatar a essência do ser humano, em toda sua complexidade para resgatar o seu valor.

Neste sentido traz-nos à mente quando se pensa em envelhecer, outro paralelo: o medo da morte biológica e da morte social - que é o isolamento, o tornar-se invisível para a sociedade. O medo da morte biológica assusta a muitos e os fazem desejar não chegar até a velhice, para que não passem por este processo. A morte é regra para o humano, é a única certeza e a que mais desejamos adiar.

De acordo com Bueno (1980) a morte conceitua-se como uma cessação completa e definitiva de todas as atividades características das matérias que são vivas, seriam civis pela perda de todos os direitos e moral pela perda de todos os sentimentos de honra. Porque afinal, como destaca Beauvoir (1976) a velhice assim como a morte costuma parecer uma realidade distante para o homem, e a tememos por saber que ambas chegarão.

Mas a morte social é o que muitas vezes vem antes, afinal o que existe na velhice é este medo da morte do que se deseja e não a morte em si, visto que ela é desconhecida ao inconsciente (MUCIDA, 2006). A morte social é a fase em que uma pessoa não representa socialmente mais nada. O fato de a sociedade determinar o que deve ser feito em uma respectiva idade, causa aos que já “passou da idade” uma

frustração por querer fazer algo socialmente admirável e não serem aceitos e compreendidos.

A aposentadoria na visão de muitos idosos é uma das causadoras da morte social, assim como relatam Souza et al. (2010, s/p) “aposentadoria não é observada como direito conquistado e sim como o momento da mudança de papel social” o momento de “descansar”. O fato de parar de trabalhar faz com que o idoso acabe com toda a sua ligação com a sociedade. Essa rotina muda e o laço da comunicação com o mundo acaba sendo cortado. A aposentadoria é de extrema importância ao idoso para que ele possa se manter financeiramente, mas em contrapartida, traz para muitos o seu isolamento, e muitas vezes o único contato que mantinha com o externo.

O envelhecimento do corpo é um processo constante onde nenhum ser humano consegue escapar. Segundo Camarano (2004) isto está associado a um processo aonde as capacidades biológicas vão sofrendo um declínio e se relacionam a novas fragilidades psicológicas e comportamentais.

A saúde do corpo e da alma se daria pela harmonia de ambos, caso isso não aconteça, o idoso com a alma doente faz com que a situação se torne propícia para que seu organismo reaja da mesma forma (fique doente), com isso eliciando consequências maiores do que já se pode suportar, assim como retrata Platão (2002) em não mover a alma sem o corpo, nem o corpo sem a alma, a fim de que essas duas partes guardem seu equilíbrio e sua saúde.

Assis (2004) supõe que as oportunidades de inserir os idosos novamente na sociedade são de extrema importância para que projetos de vida possam ser construídos ou retomados, possibilitando ao indivíduo revitalizar seu presente. Segundo o mesmo autor, é importante ressaltar que na velhice o idoso acaba perdendo suas atividades motoras por uma questão biológica, e suas atividades cognitivas ficam afetadas. Seria então indispensável inserir os idosos ao meio fazendo com que eles não percam seu significado na sociedade.

Contudo, se existe uma alma que habita o nosso corpo é importante entender essa ligação no sentido de o quanto cada um tem importância para o outro. O corpo em processo de envelhecimento sofre uma ambivalência, Blessmann (2004) foca nisso pelo fato de ele representar a vida e suas possibilidades infinitas, e ao mesmo tempo proclamar a morte futura e a finitude existencial. São as duas faces do corpo: de um lado, a face dinâmica, a vida de desejos e de outro a face da temporalidade, da fragilidade e do desgaste. Porém, sabe-se que é um processo do ser humano vir a

aceitar as modificações do seu corpo com o passar do tempo, e isso está diretamente ligado à sua saúde, em especial à saúde psíquica.

A alma muda segundo a decisão humana, o idoso é a consequência de seu passado, cada um é do jeito que se permitiu ser e o que ainda se permite ser dentro de suas limitações.

O ser é estético, sendo que cada fase da vida encontra a sua adequação estética. Sá (1998) ressalta que o velho em seu processo de envelhecimento só pode ser entendido e explicado na integridade de suas características, por isso é importante compreender o seu sentido mais profundo respeitando a dualidade (corpo e alma) existente.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Para a realização deste estudo optou-se por uma pesquisa quanti-qualitativa. Foi aplicado um questionário a uma amostra de 70 idosos, 35 do Curso UATI Extensão Objetivo da cidade de Ourinhos-SP e outros 35 selecionados de modo aleatório, sendo que cada autora da pesquisa ficou responsável por aplicar o questionário em 7 participantes em suas respectivas cidades (Ourinhos-SP, Fartura-SP, Chavantes-SP, Wenceslau Braz-PR e Carlópolis-PR).

O questionário foi constituído por 11 questões abertas e fechadas que buscaram evidenciar a realidade do envelhecimento e se este é um processo que oprime ou liberta na opinião dos entrevistados. (Apêndice 1).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

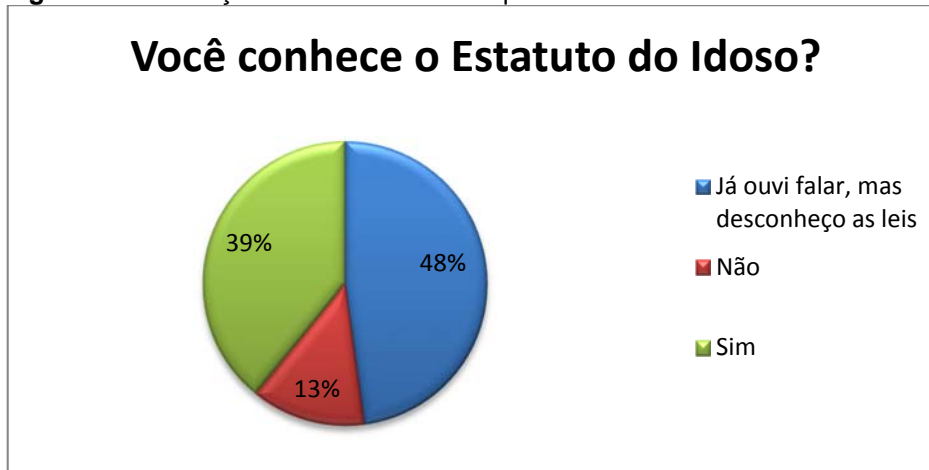
Na primeira questão, foi respondida por um total de 70 idosos, obtendo um percentual de 78% mulheres e 22% homens.

Na questão número dois foram classificadas as idades. Somaram-se 26% de idosos com menos de 65 anos; 22% de 65 até 70 anos; 28% de 71 até 75 anos; 14% de 76 até 80 anos e 10% de 81 até 85 anos.

Já na terceira questão que abordou sobre conhecimento ou não do Estatuto do Idoso, observou-se que a grande maioria (48%) responderam que já tinham ouvido falar sobre o Estatuto. Os que conhecem o Estatuto somam-se 39% e os que desconhecem totalizam-se 13%. (Figura 1).

De acordo com uma estimativa de 2004 realizado pelo PRODIDE (2004, s/p), evidencia-se ainda há falta de informação à classe Idosa, ao que lhes assegura e defende o Estatuto do Idoso. Sendo observado que aos que “já ouviram falar, porém desconhecem as leis” na falta do conhecimento, ignoram a garantia e reivindicações que o Estatuto garante.

**Figura 1.** Distribuição dos dados obtidos quanto se conhece o Estatuto do Idoso.



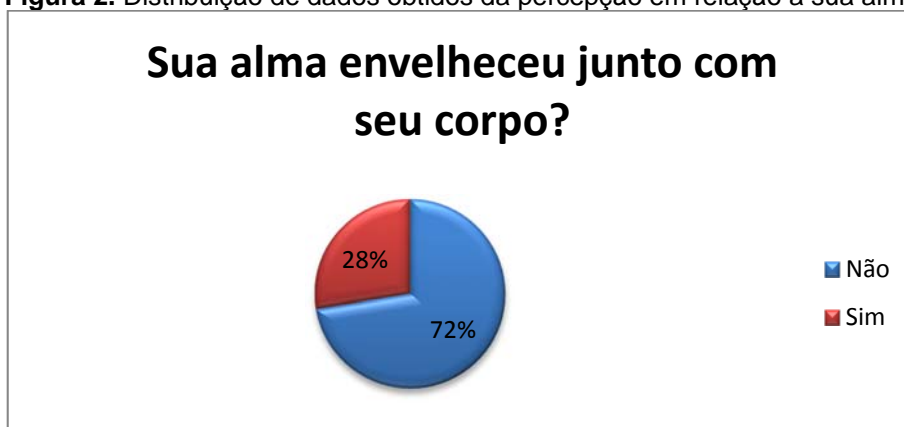
Em relação a questão 4 que questionava sobre o idoso se sentir ou não acolhido pela família, obtivemos o resultado de 87% pessoas afirmando que sim, são acolhidos pelas suas famílias; 10% assinalaram que as vezes são acolhidos e outros 3% responderam que não. No que se refere a ser acolhido pela família, o idoso acaba sofrendo pelas perdas familiares e as perdas de algumas funções sociais. Como afirma Scortegagna e Oliveira (2012, p. 13) “assim como os adolescentes têm sua turma, também os idosos sentem essa necessidade e tem esse direito”. Elas afirmam ainda que a decisão do idoso viver esta fase da vida com naturalidade é muito importante, pois “a partir do momento em que o idoso percebe-se como ator de sua vida, conquista um espaço mais respeitado no cenário familiar e social” (2012, p. 9).

Na questão 5, foi indagado o idoso caso pudesse voltar no tempo e mudar algo do passado, 33% responderam que mudariam algumas coisas; outros 33% mudariam muitas coisas e 34% dos entrevistados não mudaria nada de seu passado. Segundo Fernandes (2002, p. 45) estas percepções são normais pois “existem algumas perspectivas que equacionam a velhice com a sabedoria e a vontade de viver, outras com um estado mental, caracterizado pelo desinvestimento da vontade de viver e da esperança que encerra”.

A questão 6 se referia ao envelhecimento da alma junto com o seu corpo, dos 70 entrevistados 72% disseram que sua alma não envelheceu e 28% disseram que sim, sua alma envelheceu. Conforme a literatura Blessmann (2004) traz à tona as concepções de Platão, de o corpo ser uma parte do ser e a alma ser outra, fazendo com que venha a representar a noção de dualismo, que teve origem da tradição ocidental, afirmando que o corpo era o abrigo da alma. Porém é necessário superar algumas abordagens racionalistas da ciência. Não é possível entender corpo e alma de maneira separada, como se fossem distintos e isoláveis. Moreira (2003) diz que a razão não é a única fonte para o conhecimento, e o corpo físico não é somente esta massa moldável e adaptável.

Essa grande porcentagem nos mostram que a maior parte da população da amostra está em harmonia entre o corpo e a alma, fazendo com que mantenha o bem estar de ambos.

**Figura 2.** Distribuição de dados obtidos da percepção em relação a sua alma.



Foi abordado na questão 7 sobre a satisfação com a aparência física, onde 85% dos entrevistados responderam que são felizes com sua aparência, 9% não estão felizes com sua aparência e fariam uma intervenção cirúrgica e 6% não estão felizes com sua aparência e não fariam intervenção cirúrgica. Dos que responderam ao porque de suas afirmações, 44% afirmam que não mudariam nada porque são felizes como estão; para 9% o envelhecer é um processo natural; 3% apontam que o caráter é mais importante que a aparência; 34% não especificaram sua resposta e outros apontamentos somaram 10%. De acordo com Menezes (2012, p. 124) “contata-se que a beleza encontrada pelos participantes nessa fase de suas vidas não está atrelada unicamente ao padrão convencional ditado pela cultura midiática, mas à questão da saúde, da vitalidade e, sobretudo, da sensação de bem-estar”.

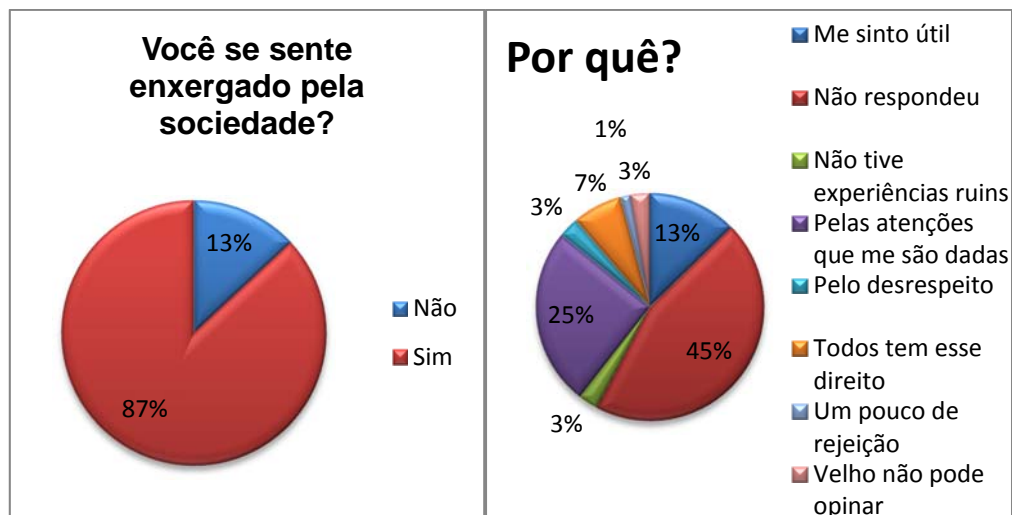


**Figura 3.** Distribuição de dados obtidos da percepção do idoso frente à sua aparência física.



Na questão 8 foi abordado se o Idoso se sente enxergado pela sociedade, do total de entrevistados, 87% apontaram que sim e 13% apontaram que não. Dentre os que responderam afirmativamente, 13% responderam que se sentem enxergados devido a se sentirem úteis à sociedade, 3% porque nunca tiveram uma experiência ruim e 25% devido à atenção que recebem das pessoas. Dos entrevistados que responderam negativamente, 3% deles afirmam que não se sentem enxergados por causa do desrespeito e 45% não justificaram sua resposta. As respostas obtidas puderam mostrar que a grande maioria dos idosos são respeitados pela sociedade comprovando assim o que Ramos (2002, p. 50) afirma que a velhice tem a função social de extrema importância e “que é justamente a de facilitar a continuidade da produção humana na ordem dos valores, daquilo que pode justificar a vantagem de viver e assegurar a qualidade de vida”.

**Figura 4.** Distribuição de dados obtidos da percepção do Idoso frente a sociedade.



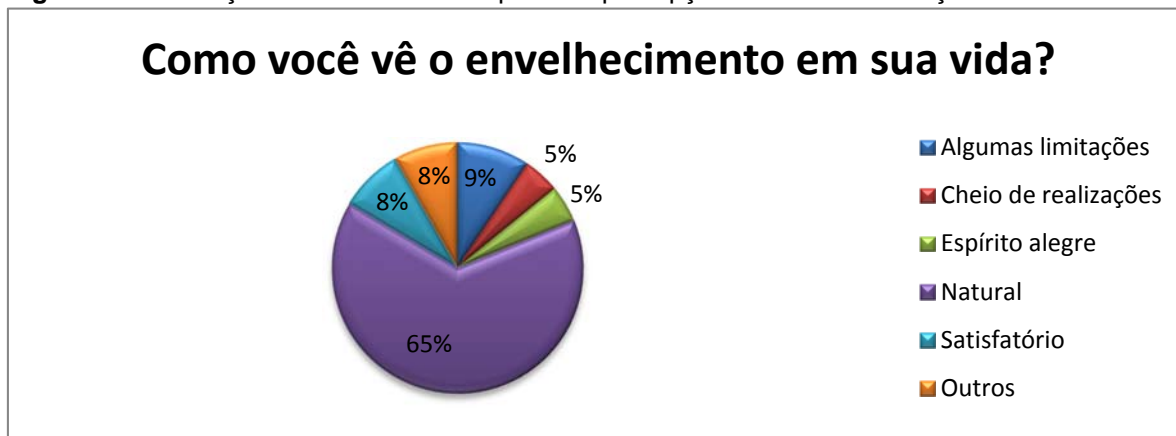
A questão 9, perguntava aos idosos quais seriam seus maiores medos. Das respostas obtidas 30% afirmaram ter medo de ficar dependente das pessoas, 20% relataram o medo de ficar doente, 10% medo da solidão, 10% apontaram o medo de vivenciar perdas de entes queridos, outros apontamentos de medos como medo de cair, de morrer sozinho, de perder a alegria de viver, do futuro e assaltos somaram 22% e 8% afirmaram não ter medo de nada. De acordo com Giddens (s/d *apud* MENEZES, 2012, p. 123) “os efeitos das perdas sociais e econômicas são também difíceis de desenredar dos efeitos da deterioração física. A perda de parentes e amigos pode provocar uma perda física”. E ainda corroborando, Tillich (s/d *apud* MENEZES, 2012, p. 102) “A vida inclui medo e coragem como elementos de um processo vital num equilíbrio cambiante, mas essencialmente estável”.

A questão número 10 perguntava quais seriam as expectativas para o futuro. Das respostas 39% apontaram viver bem e feliz com a família, 14% esperam continuar fazendo tudo que já fazem atualmente, 9% gostariam de viajar, 7% de viver em uma sociedade melhor, 8% de realizar os sonhos pessoais de ordem material, 7% de ter vida longa e ver as gerações futuras crescerem e 16% seriam as outras opções como: continuar aprendendo; mais alguns anos de vida; morrer em paz e que haja mais amor e alegria. Ficou evidente a diversidade das respostas nesta pergunta por ter grande significado pessoal para o entrevistado. Evidencia-se assim essa pluralidade de respostas, de acordo com uma pesquisa realizada pelos estudantes de Psicologia da Universidade Metodista de São Paulo em 2006, concluindo-se que é difícil descrever quais as expectativas que uma pessoa idosa tem para seu futuro e quais os sentimentos que acercam, os idosos que participaram desta pesquisa têm aspectos

muito diferentes e muitos significativos, cada um com sua especificidade e singularidade que é única a cada ser humano.

Na última questão (11) que abordava como o idoso vê o envelhecimento na sua vida dos entrevistados 65% apontaram o envelhecimento como natural, 8% como satisfatório, 5% como cheio de realizações, 5% com espírito alegre e feliz, 9% com algumas limitações e 8% apontaram outras questões como uma vitória, oportunidade para reflexão e triste. De acordo com a observação, 65% dos entrevistados responderam que veem o envelhecimento como algo natural/normal, afirmando a ideia de Figueiredo (2010, p. 38) que “envelhecer é uma etapa normal da vida. É preciso enfrentar desafios psicológicos, biológicos, sociais, espirituais, econômicos e políticos”.

**Figura 5.** Distribuição de dados obtidos quanto a percepção do idoso em relação ao envelhecimento.



## CONCLUSÃO

Em nosso artigo buscamos responder a pergunta: “Envelhecer: um processo que oprime ou liberta?” Observamos no decorrer do presente artigo, que o manter-se ativo em meio à sociedade e se sentir inserido faz com que o idoso se sinta bem.

Corroboramos tal fato através das literaturas pesquisadas e diante da análise do questionário conferimos que a qualidade de vida esta diretamente ligada ao fato do idoso sentir-se necessário e indispensável no meio onde vive seja familiar ou social.

Observamos que o processo de envelhecimento é visto de forma natural na maioria dos casos aqui evidenciados e que em muitos deles encontramos sonhos, expectativas de futuro e realizações ainda a serem conquistadas. Fica evidente em nosso trabalho que há uma interpretação errada a respeito do que imaginamos ser esse processo de envelhecer, que o conceito de velhice está diretamente ligado ao aspecto cronológico, desta forma, velho é aquele que atinge a faixa etária dos 60 anos.

Todavia, podemos concluir que nesse processo de envelhecimento, não existe 'velho' mas um ser em 'envelhecimento', e isso se justifica pelo fato que ser velho é uma questão de perspectiva a partir dos sujeitos envolvidos nesse artigo.

Ao pensar o idoso na percepção da idade, entendemos que isso varia de acordo com os contextos socioculturais e econômicos, experiências e oportunidades de vida que cada um carrega consigo, e que idoso não significa mais aquele senhor (a) que fica sentado na frente de casa vendo a vida passar, mas que se apropriam atualmente de atividades e programas que estão sendo oferecidos a essa classe para que se mantenham ativos e inseridos e assim, acarretam sentimentos de utilidade, valor, esperança e vida como exemplificamos, nos 35 entrevistados em um âmbito escolar da UATI.

Ressaltamos ainda que há políticas públicas voltadas em favor deste novo perfil social que vem aumentando, mesmo que ainda a maioria desconheça seus direitos. Para tanto, este artigo atende aquilo em que ele se propôs responder, contribuindo para o crescimento de seus produtores, acrescentando uma nova perspectiva deste processo pela qual se tudo correr bem iremos viver fase que é envelhecer.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, M. Aspectos sociais do envelhecimento. In: SALDANHA, A. L. **Saúde do Idoso: a arte de cuidar**. 2.ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2004.

BEAUVOIR, S. **A velhice I: a realidade incômoda**. São Paulo: DIFEL, 1976.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de atenção básica. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Cadernos de atenção básica, n. 19. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. **Estatuto do Idoso: Lei nº 10.741**, de 1º de outubro de 2003, dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados: Edições Câmara, 2003. Disponível em:

<[senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=138955](http://senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=138955)>. Acesso em: 10 mar. 2014.

BRASIL. **Política nacional do idoso**. Brasília, 1994. Disponível em:

<[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/comui/default.php?p\\_secao=4](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/comui/default.php?p_secao=4)>. Acesso em: 10 mar. 2014.

BUENO, F. S. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. Ed. 11. Rio de Janeiro: FENAME, 1980.

CAMARANO, A. A. (Org.). **Os nossos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** São Paulo: USP/FAPESP, 2004.

\_\_\_\_\_. A velhice e tecnologias do rejuvenescimento. In: GOLDENBERG, M. **Corpo envelhecimento e felicidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FERNANDES, P. **A depressão no idoso.** Estudo da relação entre fatores pessoais e situacionais e manifestações da depressão. Coimbra: Quarteto, 2002.

FIGUEIREDO, N. M. A.; TONINI, T. **Gerontologia: Atuação da enfermagem no processo de envelhecimento.** São Caetano do Sul: Yendis, 2010.

MARTINS DE SÁ, J. L. Gerontologia e interdisciplinaridade: fundamentos epistemológicos. **Gerontologia**, v. 6, n. 1, 1998.

MENEZES, K.M.G. **Corpos velhos e a beleza do crepúsculo: Um debate sobre os (re) significados da corporeidade na velhice.** 2012. 170 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

MOREIRA, Wagner W. **Corpo presente.** Campinas: Papirus, 1998.

MORGADO, M. L. C. **Reimplante dentário.** 1990. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Faculdade de Odontologia, Universidade Camilo Castelo Branco, São Paulo, 1990.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PLATÃO. **Timeu e críticas ou a Atlântida.** Curitiba: Hemus, 2002.

RAMOS, P. R. B. **Fundamentos constitucionais do direito à velhice.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.

SCORTEGAGNA, P. A.; OLIVEIRA, R. C. S. **Idoso: Um novo ator social** In: IX ANPED-SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Ponta Grossa, 2012.

SOUZA, R. F. et. al. Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. **Ciência & saúde coletiva**. v.15, n. 6, Rio de Janeiro, set. 2010.

ZIMERMAN, G. I. **Velhice: aspectos biopsicossociais.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

